

## ARTES MARCIAIS MISTAS E A APRESENTAÇÃO CORPORAL DE LUTADORAS NO INSTAGRAM<sup>1</sup>

João Paulo Silva de Oliveira,

Instituto Federal da Bahia – Juazeiro (IFBA)

Christiane Garcia Macedo,

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

Alvaro Rego Millen Neto,

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

### RESUMO

*Objetivamos explorar a interpretação de imagens de lutadoras de artes marciais mistas (MMA) no Instagram. Realizamos sessões de grupo focal com quatro estudantes universitários homens e quatro mulheres. Evidenciamos o olhar dos estudantes homens tendencioso à objetivação do corpo das lutadoras. As estudantes mulheres mostraram-se mais sensíveis às feminilidades plurais. A tendência de comparação entre atletas masculinos e femininos foi observada em ambos os grupos.*

*PALAVRAS-CHAVE: MMA; Corpo; Instagram.*

### INTRODUÇÃO

A participação das mulheres no MMA, sobretudo no *Ultimate Fighting Championship* (UFC), a organização hegemônica nos eventos da modalidade, ao mesmo tempo que desafia normas tradicionais de gênero, também mantém práticas organizadas por uma concepção heteronormativa. Um exemplo dessas práticas tidas como naturais é a persistente objetificação do corpo das lutadoras no espaço discursivo do UFC (WEAVING, 2015).

Como a participação das mulheres em esportes competitivos é inconsistente com os tradicionais papéis femininos, historicamente observa-se uma tentativa de “proteger” as atletas de uma possível rejeição (KANE, 2011). Para isso, suas habilidades atléticas são trivializadas através de estratégias de ambivalência, tentando reconciliar a incompatibilidade entre a feminilidade e o mundo masculino do esporte (CRANMER; BRANN; NICHOLAS,

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

2014). Nessa direção, com a crescente participação das mulheres em esportes de combate, incluindo-se o MMA, observa-se uma tendência para que os corpos das mulheres lutadoras sejam sexualizados de maneiras que acomodem a atratividade heterossexual com a imagem de corpos fortes e resistentes (CHANNON et al., 2018).

A partir dessa problemática, objetivamos descrever como estudantes universitários(as) interpretam as imagens corporais que as lutadoras de MMA publicam em suas contas do Instagram. Escolhemos o Instagram por ser, na atualidade, uma das principais redes virtuais de compartilhamento de fotos.

## MÉTODOS

Realizamos grupo focal com oito estudantes universitários(as). Os estudantes foram divididos em dois grupos de igual número, um exclusivamente com mulheres e outro só com homens. As sessões objetivaram discutir e comentar 18 imagens que nove lutadoras de MMA, campeãs ou ex-campeãs do UFC no momento da coleta (abril de 2018), publicaram em suas contas do Instagram.

Após gravação, os áudios das interações foram transcritas e analisadas por um análise de conteúdo. Em nossa análise, emergiram quatro categorias discursivas: atleta e também mulher; a gente sabe que isso vende; luta como um homem; e representatividade importa.

## ATLETA E TAMBÉM MULHER

Neste tópico, agrupamos os discursos dos(as) participantes referentes à representatividade das imagens, respondendo à pergunta: Como vocês interpretam essas imagens? “Para mim, eu vejo o dia a dia delas, o que elas fazem” (P2, homens); “[...] tem que quebrar com esse padrão de que ela é só isso e pronto [...] ela tem vida social, tem filhos, tem marido, tem a vida dela” (P1, mulheres). Em tese, a percepção dos dois grupos é de que as lutadoras usam o Instagram para apresentar suas vidas para além do contexto esportivo.

Uma extensa literatura já evidenciou a persistente cobertura da mídia esportiva em retratar as mulheres a partir da sua atratividade e secundarizando suas performances atléticas. Essa insistente representação molda nossas percepções de forma a naturalizar a ambivalência de uma pessoa ser atleta e também ser mulher: “Elas não deixam de ser mulheres por optar

pelo MMA” (P3, mulheres); “Da mesma forma que elas mostram que são lutadoras, mostram também que são mães de família [...]. São mulheres em si” (P3, homens).

Apesar de compartilharem da mesma percepção sobre a ambivalência que as imagens das lutadoras transmitem, os dois grupos apresentam diferenças discursivas com significado simbólico expressivo. Mesmo sem imagens que mostrem as lutadoras no papel de mães, há, nas falas do grupo dos homens, referências aos papéis e funções socialmente esperados que sejam exercidos pelas mulheres, como o papel de mãe e esposa. Vê-se também a beleza e a erotização das atletas como requisitos indispensáveis para o ser mulher: “[...] na mesma hora que elas conseguem mostrar que são lutadoras, elas conseguem mostrar a beleza e a erotização” (P4, homens).

Em outra direção, pudemos observar, nos dois grupos focais, a argumentação de que, como há preconceito com o ato de mulheres participarem de lutas, a publicização das imagens dessas lutadoras em seus ofícios cumpre, em alguma medida, a função de amenizar as consequências do preconceito. Nesse sentido, reforça-se a noção de que o consumo de imagens “masculinizadas” de lutadoras subverte nossas associações cognitivas mais arraigadas e tensiona os limites corporais inerentes a uma visão binária de gênero. Em uma concepção determinista, o gênero é compreendido como estrutura binária que estabelece uma clara divisão entre homens e mulheres que “usualmente se concebem como polos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-subordinação” (LOURO, 2015).

Embora a ascensão da participação das mulheres em diversas modalidades esportivas seja perceptível, há ainda um estigma implícito em torno da sexualidade das atletas no esporte feminino. Essa percepção é observada apenas entre as participantes do grupo focal de mulheres: “eu acredito que muita gente olha, por exemplo, está lá assistindo a luta, ah, essa mulher deve ser lésbica [...]” (P1, mulheres). Ainda que o moderador do grupo focal tenha provocado a discussão, os homens que participaram desta pesquisa silenciaram, desconversaram ou banalizaram a discussão: “Já existe esse negócio aí, mas é porque o povo se esconde, eu acho né [...], estou falando por causa da foto [...]. Eu não, não vou ganhar dez centavos por isso aí, nem ligo” (P2, homens).

## A GENTE SABE QUE ISSO VENDE

Nessa categoria, reunimos as falas que contemplaram a discussão sobre a objetificação do corpo da mulher atleta no MMA. Os homens adjetivaram as mulheres como: “Gracinha, delacinha” (P2, homens), “Delacinha” (P3, homens), além de “coisinha”, “bonita” e “monstro”. A palavra “forte” – referente a força, elemento característico das modalidades de lutas – usada para adjetivar as lutadoras aparece quatro vezes. No grupo das mulheres os adjetivos foram: “Olha essa daqui, são muito bonitas” (P1, mulheres); “Só vejo mulheres lindas, fortes” (P3, mulheres); além de “fofa”, “musa” e “estranha”. O adjetivo “forte”, foi usado para caracterizar as lutadoras 14 vezes.

Ao constatarem que uma das lutadoras em análise já foi por algum tempo a principal atleta da organização UFC – entre mulheres e homens – os(as) participantes concordam que “ela lutava pelo fato da beleza” (P1, homens), e que a atratividade das lutadoras “influencia demais” (P2, homens), “principalmente no caso do MMA feminino” (P1, homens).

Os(as) participantes demonstram perceber que no caso do MMA, outras questões estão em negociação para a promoção de uma lutadora. Além disso, um(a) atleta profissional tem outras fontes de renda e patrocínios. Para os(as) participantes, mostrar a “sensualidade e vendendo o produto [...] a gente falou da beleza naquela hora, justamente eles pegaram elas, porque elas são bonitas, e sabe dizer com a imagem” (P2, homens).

A ascensão da sexualização das lutadoras de MMA não só banaliza a participação das mulheres na modalidade como é prejudicial para o desenvolvimento do próprio esporte, na medida em que os corpos apresentados são padronizados dentro de uma cultura heteronormativa, excluindo possíveis talentos que não se enxergam dentro da modalidade (CHANNON et al., 2018).

## LUTA COMO UM HOMEM

O desempenho masculino é sempre utilizado como critério de comparação, e esse discurso é sempre repetido e reproduzido: “Nem parece ser uma mulher, luta como um homem” (P3, mulheres). Uma comparação muito comum no contexto esportivo, a comparação entre o modo de jogar de mulheres e homens, referindo-se ao comportamento corporal das mulheres como menos eficientes do que o dos homens: “Porque luta não é vista como algo feminino, algo para as mulheres. Praticamente você não vê em qualquer lugar, na

escola, na rua, brigando [...], tapas você vê mulher [...] mulher, você vê brigar mais por relacionamento” (P2, homens). Nesse caso, a comparação é entre o jeito como as mulheres batem, que geralmente é caricaturado com tapas – em vez de socos – sustentados por braços descoordenados, sem utilização do tronco. A dificuldade em realizar um soco forte ou mais eficiente, geralmente é justificada pela manifestação de uma diferença biológica entre homens e mulheres, ou seja, uma “atitude feminina” de comportar-se e movimentar-se.

Para Íris Young (1980), a explicação de que a diferença observada entre o modo de jogar/lançar/socar de meninas e meninos seja essencialmente biológica é equivocada. Segundo a autora, a experiência da mulher de posicionar-se e movimentar-se é comprometida culturalmente.

#### REPRESENTATIVIDADE IMPORTA

Na percepção dos homens, as imagens postadas pelas lutadoras podem influenciar positivamente outras meninas e mulheres para a prática da luta. Colaborando com a opinião dos homens, as mulheres compreendem que o preconceito existente é justamente por falta de visibilidade, “porque, na verdade, em tudo a mulher tem aparecido mais [...]. Mas essa coisa de ser mais masculinizado é justamente porque a mulher não tinha espaço e muitas coisas que eram vistas como só para homens” (P3, mulheres).

Entre as 18 imagens usadas no grupo focal, não tínhamos uma representativa de lutadoras negras, e essa ausência não foi comentada em nenhum dos grupos. Outra representatividade que não foi notada foi a de mulheres mais pesadas. Nas competições do UFC, são quatro categorias femininas e oito categorias masculinas.

Algumas imagens possibilitaram a discussão sobre a sexualidade das atletas e o impacto que essas imagens podem causar negativamente para a marca das lutadoras enquanto atletas conceituadas, conseqüentemente pessoas públicas. Uma das participantes comenta sobre a pressão que as lutadoras homossexuais sofrem nas redes sociais e sobre a coragem de assumirem tal condição: “Eu acho que elas devem ter muito medo por causa disso, preconceito, mas em contrapartida devem ser muito corajosas, elas enfrentam isso no treino, na luta mesmo, elas talvez não tenham medo de se expor, não sei” (P4, mulheres).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciamos a permanência de estereótipos sobre a participação da mulher em esportes tradicionalmente masculinos, com o olhar dos homens participantes da pesquisa tendencioso para a objetivação do corpo das lutadoras. Já as participantes mulheres parecem ser mais sensíveis às diversas formas de vivenciar o ser mulher. Para os homens, a atratividade da lutadora influencia no desenvolvimento da carreira das atletas da organização UFC. As mulheres percebem os desafios e a coragem das lutadoras em análise.

Evidenciamos nos dois grupos a tendência de comparação entre mulheres e homens no esporte, com a permanência do discurso biologicista como determinante das diferenças. Os dois grupos também se assemelham no reconhecimento de que a veiculação das imagens de proeminentes lutadoras de MMA pode influenciar outras meninas e mulheres na prática das modalidades de lutas.

A partir dos dados e discussões constata-se que a autoapresentação das lutadoras negocia, em certa medida, a inconformidade de uma feminilidade normalizada no espaço masculino do UFC.

## MIXED MARTIAL ARTS AND THE BODY PRESENTATION OF FIGHTERS IN THE INSTAGRAM

### ABSTRACT

*We aim to explore the interpretation of mixed martial arts (MMA) fighters images on Instagram. We held focus group sessions with four male and four female college students. We evidenced the male students' gaze tending to the objectification of the female fighters' bodies. Female students were more sensitive to plural femininities. The trend of comparison between male and female athletes was observed in both groups.*

**KEYWORDS:** MMA; Body; Instagram.

## ARTES MARCIALES MIXTAS Y PRESENTACIÓN DEL CUERPO DE LUCHADORES EN INSTAGRAM

### RESUMEN

*Nuestro objetivo es explorar la interpretación de las imágenes de luchadores de artes marciales mixtas (MMA) en Instagram. Llevamos a cabo sesiones de grupos focales con cuatro estudiantes universitarios varones y cuatro mujeres. Evidenciamos la mirada de los estudiantes varones tendiendo a la objetivación de los cuerpos de las combatientes. Las alumnas eran más sensibles a las feminidades plurales. Se observó una tendencia de comparación entre atletas masculinos y femeninos en ambos grupos.*

**PALABRAS CLAVE:** MMA; Cuerpo; Instagram.

### REFERÊNCIAS

CHANNON, A. et al. Sexualisation of the fighter's body: some reflections on women's mixed martial arts. **Corps**, 16, p. 383-391, 2018.

CRANMER, G; BRANN, M; NICHOLAS, B. Male athletes, female aesthetics: The continued ambivalence toward female athletes in ESPN's The Body Issue. **Int J Sport Communication**, 7, n. 2, p. 145-165, 2014.

KANE, M. Sex sells sex, not women's sports. **The Nation**, 293, n. 7, p. 28-29, 2011

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2015.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

WEAVING, C. "Chiks fighting in a cage": a philosophical critique of gender constructions in the Ultimate Fighting Championship. In: CHANNON, A.; MATTHEWS, C. R. **Global perspectives on women in combat sports**: women warriors around the world. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2015. p. 57-72.

YOUNG, I. Trowing like a girl: A phenomenology of feminine body comporment motility and spatiality. **Human Studies**, 3, p. 137-156, 1980.